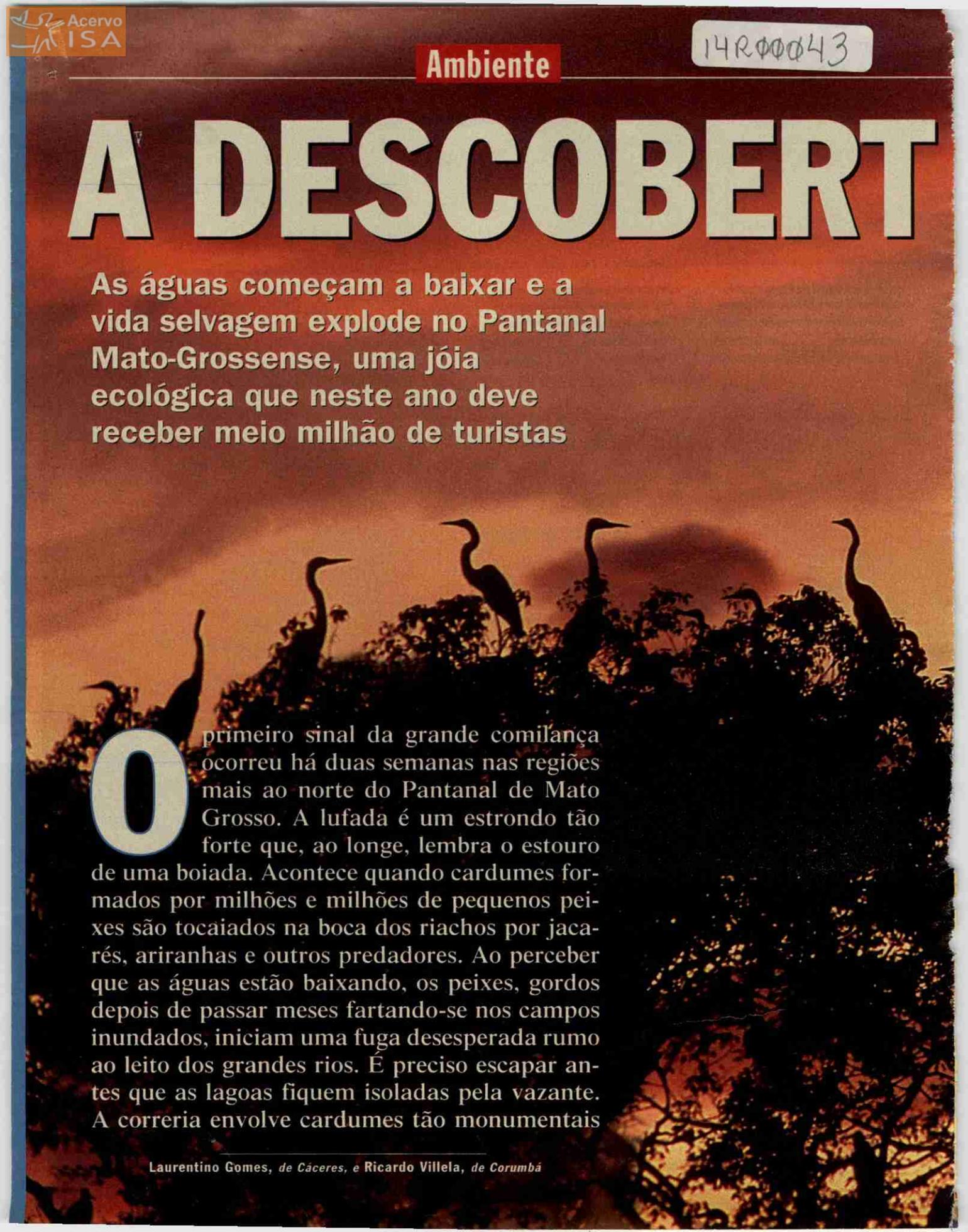


A DESCOBERT

As águas começam a baixar e a vida selvagem explode no Pantanal Mato-Grossense, uma jóia ecológica que neste ano deve receber meio milhão de turistas



O primeiro sinal da grande comilança ocorreu há duas semanas nas regiões mais ao norte do Pantanal de Mato Grosso. A lufada é um estrondo tão forte que, ao longe, lembra o estouro de uma boiada. Acontece quando cardumes formados por milhões e milhões de pequenos peixes são tocados na boca dos riachos por jacarés, ariranhas e outros predadores. Ao perceber que as águas estão baixando, os peixes, gordos depois de passar meses fartando-se nos campos inundados, iniciam uma fuga desesperada rumo ao leito dos grandes rios. É preciso escapar antes que as lagoas fiquem isoladas pela vazante. A correria envolve cardumes tão monumentais

A DO PARAÍSO



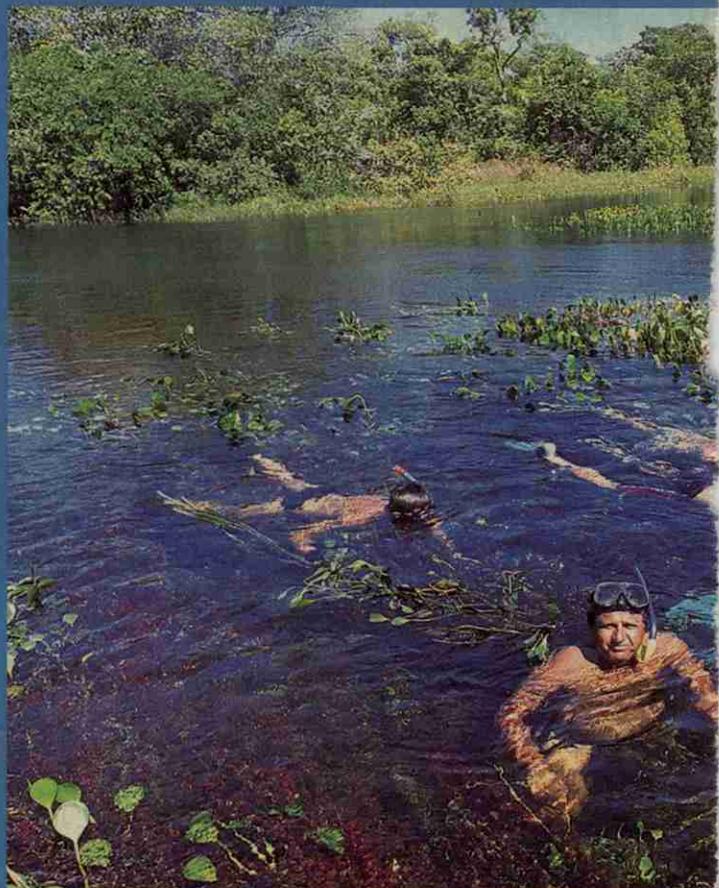
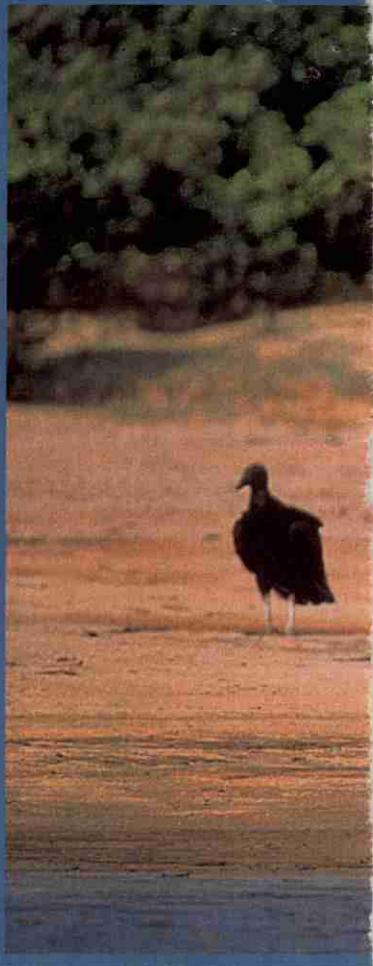


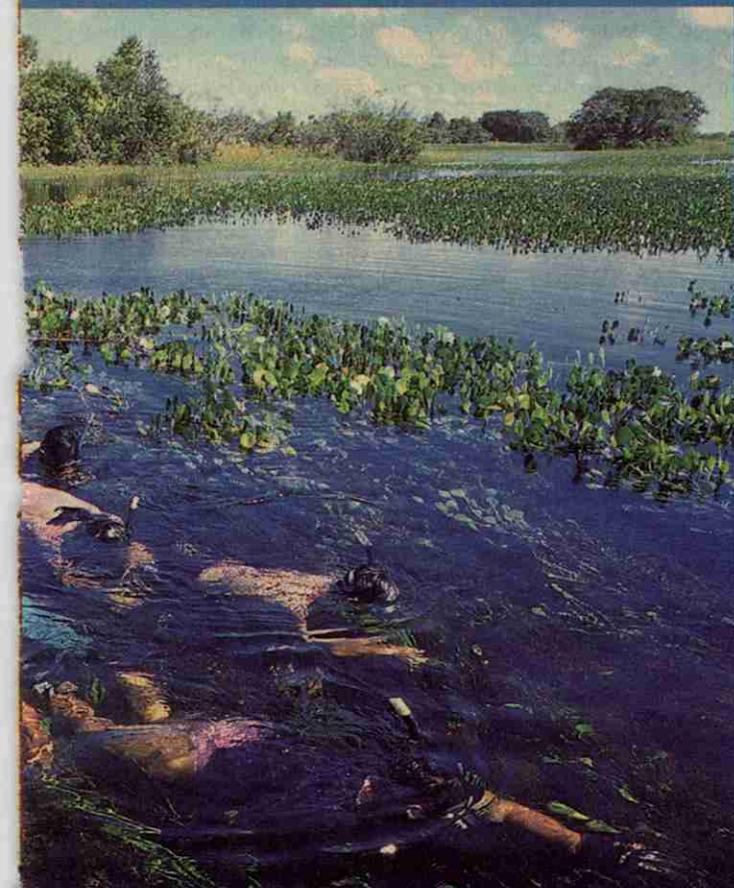
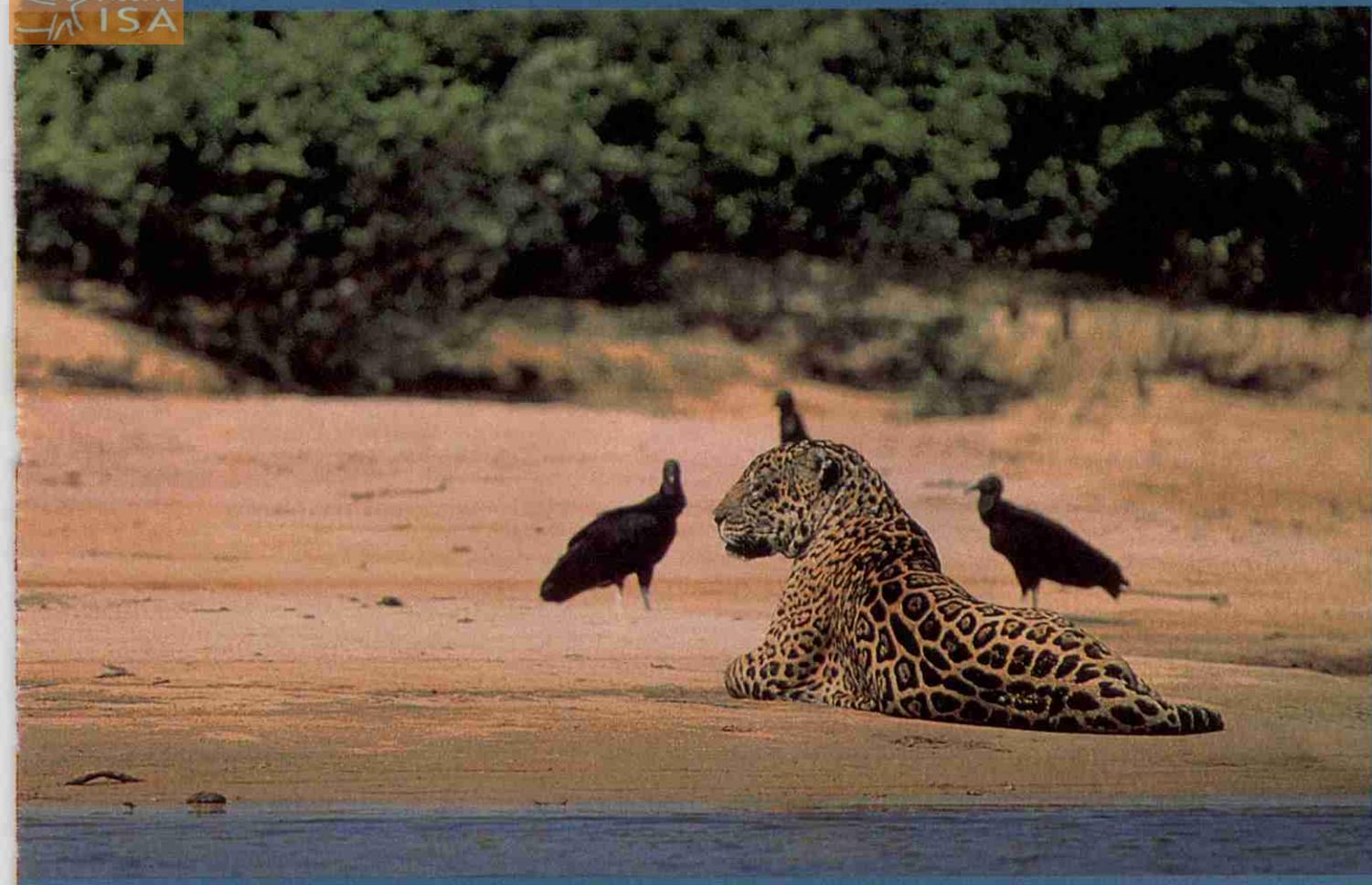
que chega a provocar engarrafamentos nos corixos, os pequenos córregos que ligam as lagoas aos rios. Evidentemente, nem todos conseguem fugir. É aí que começa o banquete. Repletas de lambaris, curimbas, pacus, peixes de todas as espécies e tamanhos, as lagoas se tornam uma festa para as aves no período da seca. Grupos de tuiuiús, biguás, colhereiros e garças unem-se na busca do alimento farto e fácil. Há tanta comida que pássaros do Canadá viajam até 10 000 quilômetros para se empanturrar no Pantanal.

A vazante é a grande celebração da natureza no coração do Brasil. Nesta época do ano, nuvens compactas de pássaros dominam a paisagem e a algaravia deles quebra o silêncio da planície pantaneira, do alvorecer ao pôr-do-sol. À beira das lagoas, as aves disputam os peixes com ariranhas e jacarés num espetáculo único. Agora, a melhor notícia. Essa incrível explosão de vida selvagem coincide com as férias do meio do ano e o início da temporada de turismo no Pantanal. Para quem gosta de contato com a natureza, é um paraíso, onde a vida animal se exhibe diante dos olhos do visitante. "Na Amazônia, para qualquer lugar que se olhe é tudo igual: mata à direita e à esquerda e muita, muita água", constata o alemão Alexander Frenz, 52 anos, um administrador de empresas de Frankfurt que há algumas semanas fez sua primeira viagem ao Pantanal. "Aqui, é muito diferente. A paisagem muda em questão de metros e os animais aparecem com muito mais facilidade." Essa é uma característica que distingue o Pantanal de outros destinos dos ecoturistas. A fauna pantaneira é exibicionista. Em uma hora de barco ao longo do Rio São Lourenço é possível observar uma quantidade surpreendente de jacarés, capivaras, veados, ariranhas e inúmeras espécies de aves. É quase como visitar um jardim zoológico.

Com o dólar mais caro intimidando viajantes ao exterior, o brasileiro começa a descobrir esse paraíso. Neste ano são esperados meio milhão de turistas no Pantanal, número equivalente a toda a população da região. Até dois anos atrás, o Refúgio Ecológico Caiman, a mais luxuosa pousada do Pantanal, recebia apenas um turista brasileiro para cada dez estrangeiros. Neste ano, metade das reservas foi feita por brasileiros. Ao todo, a região já tem cerca de 500 hotéis e pequenas pousadas. E boa parte deles está com as reservas esgotadas para as férias de

Vitória-régia numa baía do Rio Paraguai, a onça-pintada às margens do Rio Negro e mergulho dos turistas em uma área inundada: o Pantanal tem plantas características de outras regiões e uma fauna exibicionista





julho. Uma pesquisa com 7 500 leitores no site de VEJA na internet revela que o Pantanal, junto com a vizinha região de Bonito, é a segunda atração que os brasileiros mais sonham conhecer. Perde apenas para as imbatíveis praias do Nordeste e ganha, de longe, de lugares como a Amazônia, as Serras Gaúchas e as cidades históricas de Minas Gerais. “A temporada deste ano promete ser um sucesso total”, diz Beatriz Rondon, sobrinha do marechal Cândido Rondon e gerente da Caiman.

Para receber todos esses visitantes, o Pantanal está passando por uma transformação profunda. Fazendas estão sendo adaptadas para funcionar como pousadas. Peões pantaneiros que sempre viveram do trato do gado estão recebendo cursos de formação de guias turísticos. Em março, fazendeiros e proprietários de pousadas às margens da Estrada Parque, em Corumbá, Mato Grosso do Sul, reuniram-se em um seminário promovido pelo Fundo Mundial para a Natureza, WWF, em que discutiram como melhorar a infraestrutura para o turismo. Outra organização, a Conservation International, investiu cerca de 2 milhões de reais na compra de um dos ícones da região, a Fazenda Rio Negro, cenário da novela *Pantanal*, da Rede Manchete, para transformá-la em uma reserva-modelo. Duzentos quilômetros a oeste dali, a The

FOTOS FREDERIC JEANSTAFFAN WIDSTRAND/JANA ARAUJO



O toucan pantaneiro é o maior da espécie no Brasil

Boiada transportada em comitivas na Fazenda Rio Vermelho: viagens de até um mês para fugir das enchentes anuais

Nature Conservancy, uma das maiores entidades ambientalistas do mundo, investiu 2 milhões de dólares na compra de três fazendas, em associação com a ONG brasileira Ecotrópica. A organização pretende manter a área para preservação, pesquisa e, no futuro, ecoturismo. Num outro empreendimento, entre os rios Cuiabá e São Lourenço, o Serviço Social do Comércio, Sesc, está investindo cerca de 30 milhões de reais na construção de dois hotéis em meio a uma gigantesca reserva natural.

Maior planície alagável do planeta, o Pantanal tem o tamanho de Portugal, Suíça, Bélgica e Holanda somados. Resultante do mesmo espasmo geológico que produziu a Cordilheira dos Andes, é uma bacia na qual os sedimentos que descem dos planaltos e montanhas vêm se depositando por milhões de anos. Por essa razão, o Pantanal nunca é o mesmo. Cada novo ciclo de enchentes e vazantes altera drasticamente o leito dos rios, cria novas lagoas, abre córregos e baías. A própria vida na região pulsa ao ritmo das cheias e vazantes. Ali, há curiosos exemplos de adaptação das espécies ao ambiente. O cervo-do-pantanal, um parente do veado-campeiro do cerrado, está tão habituado a pastar dentro d'água durante a cheia que desenvolveu uma coloração escura nas pernas. A cor serve-lhe de camuflagem em meio à vegeta-



ção submersa para evitar o ataque furtivo de piranhas e jacarés. Durante a seca, em situações extremas, o jacaré se enterra na lama que sobrou das lagoas e banhados, reduz o metabolismo e, num tipo de hibernação, espera que volte a chover. Alguns tipos de sementes de leguminosas conseguem passar meses submersas, sem apodrecer. Esperando a chegada da seca para, só então, germinar (veja outras curiosidades, comparações e números sobre a região no encarte no final desta reportagem).

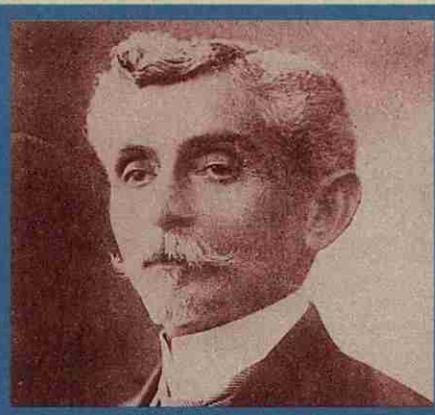
A REFORMA AGRÁRIA DA CAMA

Os Costa Marques são um exemplo de como as famílias pantaneiras foram se reproduzindo e suas fazendas, ficando pequenas e inviáveis economicamente. Joaquim Augusto da Costa Marques, o patriarca da família, foi um dos pioneiros da ocupação do Pantanal na região de Cáceres. Foi também governador do Estado de Mato Grosso no começo do século. Sua propriedade, a Fazenda Larga, era um latifúndio de proporções colossais. Pela descrição dos documentos da época, seus limites eram: ao sul, o Rio Paraguai, a leste e a oeste,

duas fazendas vizinhas, e a norte, "até onde não se oferecer resistência". Ou seja, era tão grande que, ao norte, entrava pelo sertão de Mato Grosso até onde o fazendeiro conseguisse ocupar. Teoricamente, poderia ir até o Oiapoque, se não encontrasse nenhuma tribo indígena feroz que lhe barrasse a expansão. Ao todo, Costa Marques conseguiu ocupar 120 000 hectares — quase quatro vezes a área do município de Belo Horizonte.

Joaquim Augusto teve sete filhos. Na divisão da fazenda, cada um ficou com 17 000

REPRODUÇÕES FREDERIC JEAN

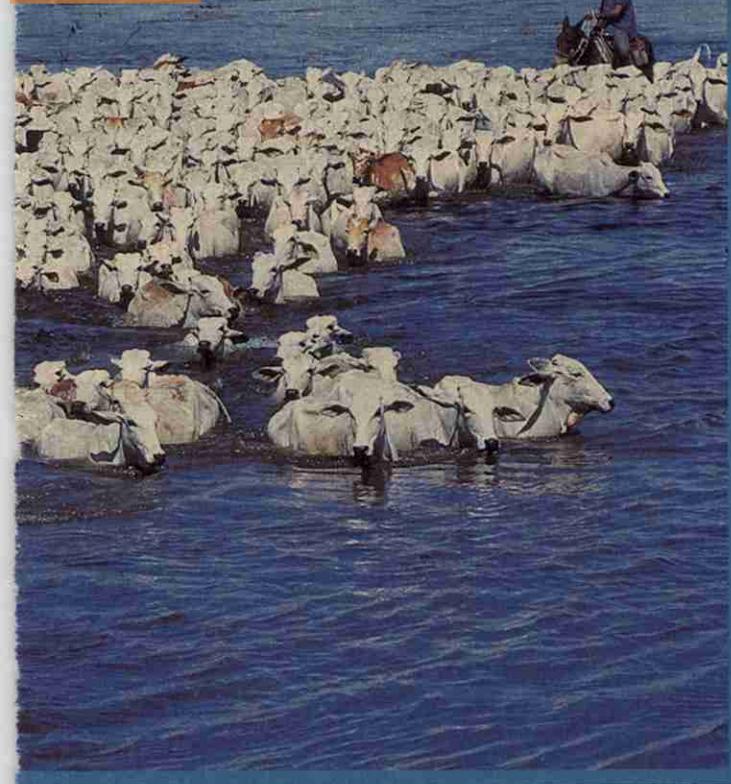


Joaquim Augusto, o patriarca: dono de quatro Belo Horizonte



hectares — tamanho de 100 parques do Ibirapuera, em São Paulo. Na geração seguinte, esses sete Costa Marques tiveram no total trinta

filhos, que herdaram terras equivalentes a três vezes a área ocupada pelo Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Na atual geração, a terceira da linhagem Costa Marques no Pantanal, já são mais de 100 herdeiros. Se cada um ficasse com um pedaço da proprieda-



O turismo é a grande novidade numa região que passou por mudanças drásticas nos últimos anos. São várias transformações combinadas. A primeira é um fenômeno demográfico curioso, que os pantaneiros chamam de “reforma agrária da cama”. Quando os primeiros desbravadores chegaram ao Pantanal, há mais de dois séculos, encontraram um ambiente hostil e selvagem, onde a presença humana era muito complicada. Alguém já ouviu falar de invasão do MST no Pantanal? Não, por-

que cultivar essa terra é muito difícil. É uma região em que a pequena propriedade, baseada na agricultura familiar, não funciona. A própria agricultura é mau negócio ali. A pecuária é a única atividade econômica que conseguiu viabilizar-se no Pantanal e conviver relativamente em paz com a natureza. É uma pecuária extensiva, na qual o boi é criado solto em pastos de capim nativo, chamados no jargão local de invernadas. Por essa razão, a ocupação do Pantanal foi feita em fazendas gigantes. Uma delas, a Descalvado, perto da cidade de Cáceres, tinha 100 000 vacas e o tamanho de meia Bélgica. Ocorre que, nestes dois séculos, essas famílias foram procriando. E as fazendas, divididas entre os herdeiros, ficaram pequenas. Hoje, poucas são rentáveis (veja quadro abaixo). “O Pantanal é um raro lugar em que latifúndio é bom e minifúndio, ruim”, diz o biólogo da Conservation International, Reinaldo Lourival.

A criação de gado em condições selvagens tem seu preço, e ele fica cada vez mais alto em comparação com as modernas fazendas do planalto. No Pantanal nascem por ano, em média, quarenta bezerros por 100 vacas. No planalto, imune às inundações, a média chega a noventa por 100. Fazendas como a Rio Vermelho, no município de Corumbá, perdem, por ano, 10% de suas reses devoradas pelas onças. Boiadas ainda são movimentadas a pé, em viagens que duram até um mês. Quando as propriedades eram enormes, nada disso era problema. A baixa produção era compensada por terras virtualmente sem limites. Hoje, aquele estilo de vida celebrizado nas imagens da novela *Pantanal* e nas músicas de Almir Sater e Sérgio Reis está acabando. O Pantanal de novela não existe mais. O fazendeiro rico, que se locomovia de avião como quem usa o

FOTOS ANA ARAÚJO



Tuiuiú, a ave símbolo da região: porte gigantesco

ram sua parte para outros herdeiros, que hoje acumulam áreas maiores do que teriam direito por herança. É o caso de Carlos Costa Marques, filho do patriarca, que comprou parte das terras dos irmãos. Um pedaço dessa área pertence hoje a sua filha, Márcia Costa Marques, e ao marido dela, Pedro. É uma fazenda moderna, de 2 500 hectares (pouco mais de dois centésimos do latifúndio original), situada na borda do Pantanal. “A pecuária garante a nossa sobrevivência”, diz Márcia. “Mas nem se compara à época de ouro das fazendas pantaneiras.”



Cinco dos sete filhos de Joaquim: primeira divisão



Carlos, com os filhos: trinta herdeiros na segunda geração



Márcia e o marido: dois centésimos da fazenda original

de original, teria direito a uma fazendola de apenas 1 000 hectares — menos de três vezes o tamanho do Central Park, em Nova York. Se a fa-

mília continuasse a crescer nesse ritmo, dentro de mais quatro gerações cada herdeiro teria direito a apenas cinco campos de futebol.

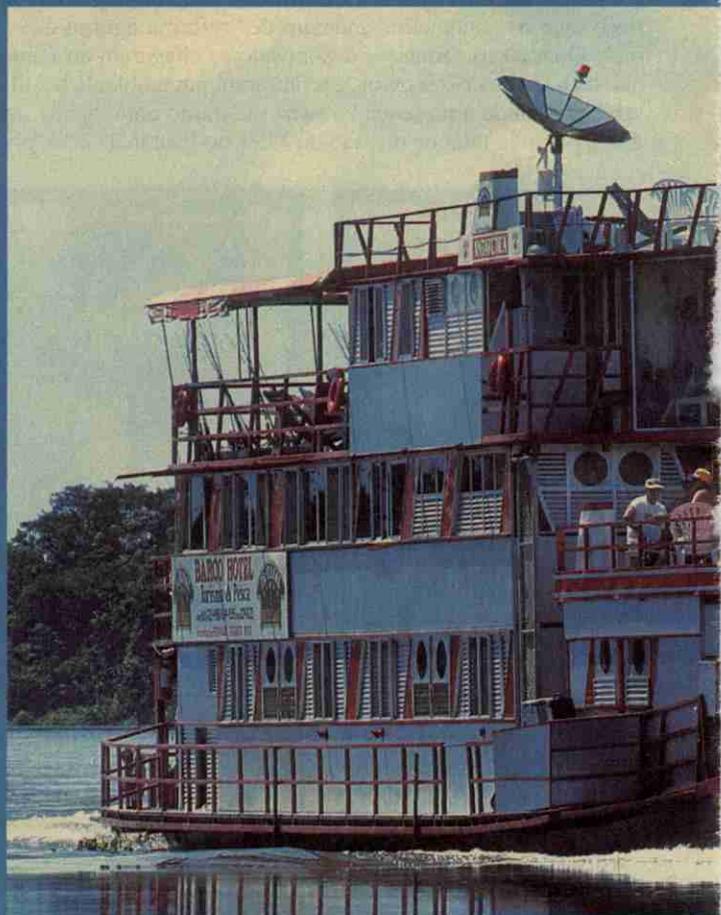
A divisão, evidentemente, não aconteceu nessa proporção porque nem todos os Costa Marques ficaram com suas terras. Muitos vende-

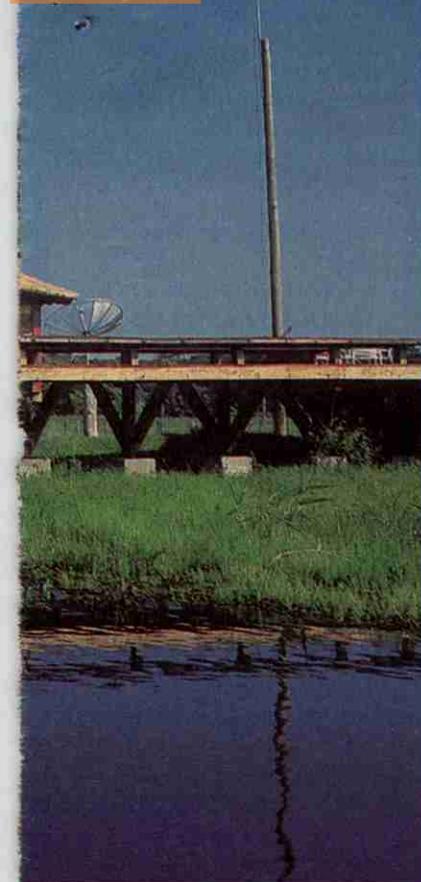


carro para ir trabalhar e mantinha os filhos em escolas do Rio de Janeiro, é hoje um personagem cada vez mais escasso. No lugar dele, existem fazendeiros empobrecidos, que mal conseguem tirar da terra sua sobrevivência.

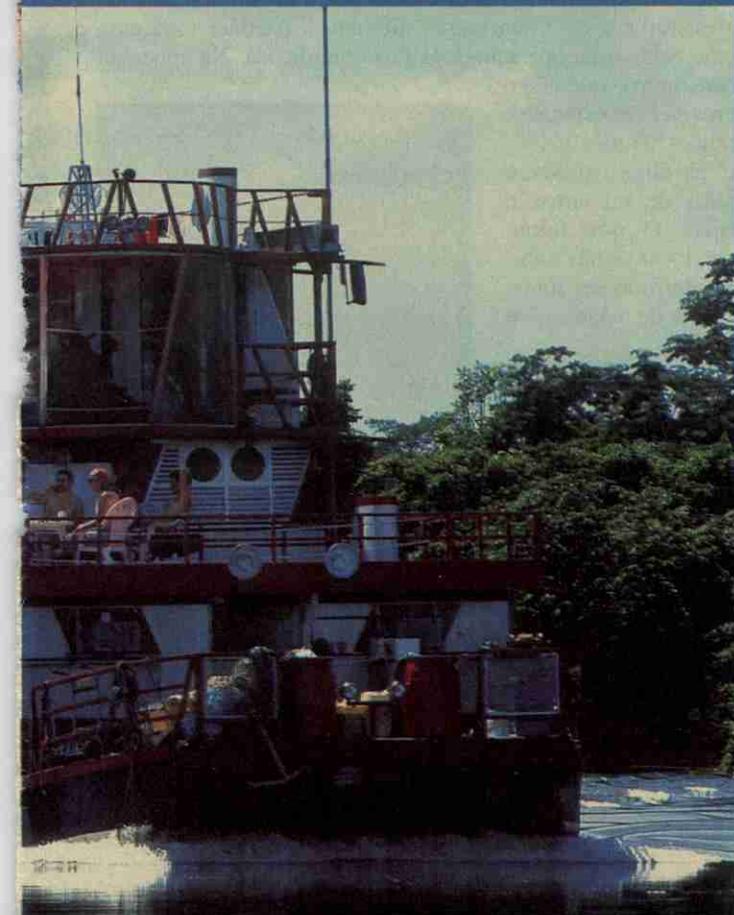
Seduzidos pelo conforto e pelas oportunidades oferecidas nas grandes cidades, os filhos desses fazendeiros — herdeiros de propriedades cada vez menores — já não querem manter o mesmo estilo de vida de seus pais. É compreensível. No Pantanal, leva-se uma vida solitária e modorrenta. Ali, o avião e o barco são tão essenciais como o ônibus e o automóvel numa grande cidade. Na época de cheias, às vezes é impossível andar 50 metros em linha reta no quintal de casa sem afundar os pés na água. Fazendas ficam ilhadas durante meses, à espera da vazante. A energia elétrica é ainda um conforto raro. Os vizinhos mais próximos moram a quilômetros de distância. Não há estradas, cidades, nada. O resultado é que hoje fazendas inteiras estão abandonadas. “Aqui nas redondezas, você só vai encontrar onça e floresta”, conta o mato-grossense Selden Silva, de 64 anos, dono da Fazenda Aguacerito, perto de Cáceres. Selden é o último fazendeiro tradicional num raio de 50 quilômetros. Todos os seus ex-vizinhos venderam as propriedades ou simplesmente as deixaram abandonadas. O valor da terra desabou. Hoje, com o preço de um ingresso de cinema se compra no Pantanal uma área do tamanho do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.

Além do desinteresse das novas gerações pelo trabalho duro no campo, há um segundo motivo para o abandono das fazendas. É uma drástica mudança climática ocorrida nos últimos 25 anos. A região vive um ciclo de cheia prolongado, como nenhum outro observado neste século. Além de inundações e vazantes anuais, o Pantanal sempre teve grandes períodos de





Uma das pousadas do Refúgio Ecológico Caiman, turistas inglesas observam jacarés e barco repleto de pescadores no Rio Paraguai: em crise, a pecuária com a pecuária em crise, o ecoturismo é o futuro mais promissor



cheias e secas mais acentuados. São ciclos que duram entre dez e vinte anos e nos quais as águas inundadas aumentam ou diminuem de acordo com o regime de chuvas e de vazão dos rios. Isso sempre aconteceu. Mas nada que se compare ao atual ciclo de cheia. Ele começou em 1974. Já dura um quarto de século, um recorde desde que as medições hidrológicas começaram a ser feitas na região. Essa peculiaridade climática está sendo agravada por uma mudança ambiental. Os garimpos, o cultivo de lavouras de soja e as novas pastagens nas áreas de planalto, vizinhas à planície pantaneira, estão assoreando os rios e aumentando o ritmo das cheias. Isso já pode ser observado até em fotos de satélite. É hoje a ameaça mais palpável à ecologia do Pantanal (veja reportagem na pág. 96).

Curiosamente, todas essas mudanças têm contribuído para o crescimento do turismo no Pantanal. O clima inóspito, a natureza agreste, as imensidões inundadas, o isolamento — foi isso que garantiu a preservação do Pantanal até hoje. Nenhuma outra região brasileira, nem mesmo a Amazônia, continua tão intocada quanto a planície pantaneira. A crise da pecuária, por sua vez, está obrigando os fazendeiros a procurar novas alternativas de sobrevivência. Muitos deles estão transformando suas propriedades em pousadas. Em geral, a própria sede da fazenda tem seus quartos adaptados para receber os turistas com toda a simplicidade da vida rural. São lugares rústicos, sem grande conforto, mas onde se pode contemplar a natureza em todo o seu esplendor — e na companhia de gente que conhece bem a região.

Hoje existem acomodações para todos os gostos e orçamentos no Pantanal. Nas mais caras, caso do Refúgio Ecológico Caiman, pagam-se 1 150 reais por um pacote de quatro dias com passagem de avião a partir de São Paulo. Nas mais simples, mantidas pelos fazendeiros, a diária custa entre 40 e 80 reais. "A cada duas diárias eu tiro o preço de um bezerro", diz Nênio Marques de Campos, dono do Hotel Fazenda Santa Tereza, às margens do

Ariranha devora um peixe: até 2 metros de comprimento



FOTOS: FREDERIC JEAN/ARPAQUEM, ALCANTARA/MARIO FRIEDLANDER/IANA ARAUJO



Fazenda Barra Mansa, no Pantanal de Rio Negro: logística difícil

Rio Claro, em Mato Grosso. Nênio, que adaptou recentemente sua propriedade para receber turistas, já aceitou 400 reservas para esta temporada. "Por enquanto, não consegui lucro algum", diz ele. "Mas também não tive de vender a fazenda."

A fauna silvestre é a atração que mais fascina os turistas. Mas existem muitas outras. A vegetação diversificada é uma delas. O Pantanal ocupa uma posição geográfica privilegiada no mapa, bem no centro da América do Sul. É rodeado a oeste pelo Chaco paraguaio e boliviano, ao norte pela Floresta Amazônica e ao sul e a leste pelo cerrado. Essa particularidade faz com que a natureza ali seja uma combinação de todos esses sistemas, com pinceladas da Mata Atlântica e até da caatinga nordestina. Mandacarus e juazeiros, plantas típicas do Nordeste, podem ser encontrados no país encharcado que é o Pantanal. Da mesma forma como lá existem vitórias-régias, buritis e figueiras — todas espécies características de outras

regiões. "Dos grandes mamíferos até seres microscópicos, quase toda a fauna brasileira está representada no Pantanal", diz a bióloga Nícia Wendel de Magalhães. A natureza deslumbrante proporcionada pela abundância de água cria um cenário em que o ecoturismo é o futuro mais promissor para o Pantanal. Por enquanto, a maioria dos visitantes ainda vem de fora do Brasil. "O ecoturismo é uma atividade muito profissional lá fora", conta Marherval Cortes Sigaud, um ex-industrial do Rio de Janeiro que há vinte anos largou tudo para abrir uma pousada às margens do Rio Cuiabá, no município de Barão de Melgaço, onde cobra 100 dólares a diária. Marherval recebe cerca de 500 turistas por ano, dos quais 95% são estrangeiros. "Eles pagam tudo adiantado e adoram isso aqui", diz. Em dois anos e meio de funcionamento, o Hotel Recanto Barra Mansa, situado às margens do Rio Negro, uma das regiões mais bonitas do Pantanal, recebeu turistas de trinta países diferentes. Atender toda essa gente exige uma operação logística complicada. Na época da cheia, tudo o que não é perecível é estocado: botijões de gás, galões de gasolina, quilos e quilos de sal, arroz e feijão. O que faltar, quando as águas subirem, terá de ser transportado de avião. ■



Cervo-do-pantanal: camuflagem contra piranha

CAMPEÃO DE HOLLYWOOD

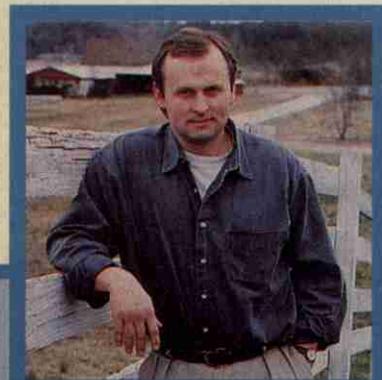
O escritor John Grisham é um campeão de bilheteria em Hollywood. Entre suas obras que se tornaram filmes de sucesso estão *O Dossiê Pelicano* e *A Firma*. Grisham é também um apaixonado pelo Pantanal. A região serviu de cenário para seu último livro, *The Testament* (O Testamento). Lançado em fevereiro nos Estados Unidos, com tiragem inicial de 3 milhões de exemplares, deve chegar ao Brasil em novembro, pela Editora Rocco. "O Pantanal brasileiro é uma terra

de grande beleza natural e um lugar fascinante para visitar", escreve Grisham no livro. O escritor, que é missionário protestante, já fez duas viagens à região. Na última, em 1998, foi guiado pelo americano Carl King, pastor da Igreja Batista em Campo Grande. Leia a seguir um trecho de *O Testamento* com uma descrição do Pantanal:

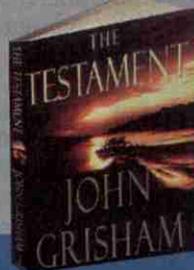
"A 1 200 metros de altura, a majestosa vista do Pantanal

surgiu repentinamente depois que eles passaram por uma nuvem densa e enorme. Para leste e para norte, uma dúzia de pequenos rios se entrecortavam em círculos indo para lugar nenhum, ligando cada brejo a milhares de outros. Os rios estavam cheios e em vários pontos corriam juntos. A água tinha tonalidades diferentes. As planícies alagadas eram azul-escuras, quase pretas em pontos

onde a vegetação estava mais densa. As lagoas mais profundas eram verdes. Os pequenos afluentes carregavam uma lama vermelha. O grandioso Rio Paraguai estava cheio e marrom como leite achocolatado. No horizonte, tão longe quanto a vista podia alcançar, toda a água era azul e toda a terra verde".



John Grisham: visitas ao Pantanal como missionário



FOTOS: ANA APARECÍDIO KOCH

LAISON/ANIMA



Ambiente Destruição

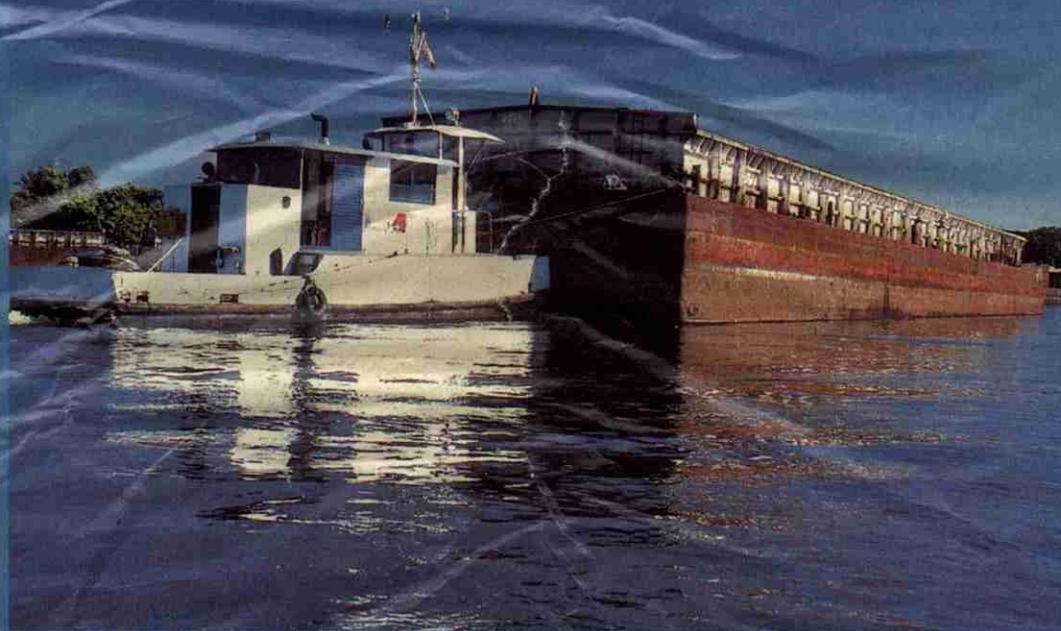
UMA FERIDA NO VE

Garimpos, assoreamento dos rios, pesca predatória e projeto de uma hidrovia ameaçam o Pantanal

A foto acima mostra um garimpo nas redondezas de Poconé, no limite norte do Pantanal de Mato Grosso. É um exemplo de como a mão do homem pode ferir em poucos anos uma jóia que a natureza demorou milênios para lapidar. Para extrair o ouro do cascalho, garimpeiros e mineradoras transformaram em paisagem lunar uma vasta área ao redor do município. Pior: contaminaram com mercúrio os rios que deságuam na planície pantaneira. Um estudo recente feito pelo cientista Karl Mathias Wantzen, em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, revelou que boa parte dos peixes de rios próximos a Poconé estava contaminada por mercúrio, um metal pesado que não se degrada no meio ambiente e po-

de causar deformações genéticas. É um desastre que afeta quase toda a cadeia alimentar: do peixe, o mercúrio passa para jacarés, ariranhas, pássaros e também para os seres humanos. A queda no preço do ouro nos últimos anos reduziu bastante a atividade garimpeira na região. Mas ela pode voltar a qualquer momento, se ninguém tomar uma providência.

O Pantanal convive com o ser humano há mais de 200 anos. Ainda assim, manteve-se mais bem preservado do que a Amazônia e a Mata Atlântica. Hoje, vem sendo afetado cada vez mais por intervenções fora de seus limites, mais precisamente no planalto que a cerca e alimenta. São várias as ameaças. Uma delas é o assoreamento dos rios em consequência de lavouras e pastagens nas suas cabeceiras. Os fazendeiros da região conhecida como Paiaguás, em Mato Grosso do Sul, que o digam. Em razão do desmatamento no planalto, o Rio Taquari foi soterrado por milhões e milhões de toneladas de terra, que descem com as enchentes. O assoreamento foi tão grande que o Taquari saiu de seu leito normal, esparramou-se por uma área de 11 000 quilômetros quadrados e inundou cerca de 300 fazendas.



Garimpo em Poconé e barcaça de soja num trecho do Rio Paraguai em que seria aberta a hidrovía do Mercosul: contaminação por mercúrio e megalomania

RDE

que vem da torneira é ruim, quem paga o pato é a planície.” Uma tese de doutorado defendida nos Estados Unidos pelo engenheiro agrônomo Osni de Souza, da Embrapa de Campo Grande, mostra a gravidade do problema. Junto com cada litro de água despejado no Pantanal pelo Rio Taquari, entram 350 miligramas de sedimentos. “O problema é tão grave que, mesmo se a vegetação no planalto fosse recuperada, a quantidade de areia hoje depositada no alto Taquari continuaria descendo para o Pantanal durante os próximos 100 anos”, diz o pesquisador.

A pesca predatória é outro problema sério. No começo do ano, o próprio chefe do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Ibama, em Cuiabá, foi demitido depois de ser flagrado pescando ilegalmente nas vizinhanças do Parque Nacional do Pantanal. A cada ano são retiradas cerca de 3 000 toneladas de peixes da região. Em Mato Grosso, a lei permite que cada pescador leve para casa até 30 quilos de peixe de cada vez. Em Mato Grosso do Sul, a cota é um pouco menor, 25 quilos mais um exemplar por

pescador. Ainda assim, trata-se de um volume muito grande para um ecossistema tão frágil. O resultado é que, em algumas regiões, os peixes estão ficando menores e cada vez mais escassos. Em 1994, os 40 000 pescadores que estiveram no Pantanal retiraram 500 toneladas de pacu. Três anos depois, 57 000 retiraram apenas 310 toneladas dessa espécie. Ou seja, o número de pescadores aumentou e o de pacus diminuiu. “Esse é o principal indicativo de que a espécie não é mais tão farta hoje quanto era antigamente”, explica Flávio Nascimento, pesquisador da Embrapa Pantanal.

Outra ameaça ao Pantanal vem de um projeto atualmente engavetado em razão de protestos no Brasil e no exterior. É a construção de uma hidrovía ligando a cidade de Cáceres, em Mato Grosso, ao Porto de Nueva Palmira, no Uruguai. Pelo projeto original, encomendado pela antiga Portobrás a uma empresa de São Paulo, a hidrovía custaria 1,2 bilhão de dólares. O plano era transformar o Rio Paraguai em um canal navegável 24 horas por dia durante o ano todo. Para isso, seria necessário dragar seu leito, retificar curvas e dinamitar barreiras rochosas, de modo a garantir um calado mínimo de 3 metros de profundidade para grandes barcaças, mesmo no período da seca. Previam-se retirar desse canal cerca de 22 milhões de metros cúbicos de terra, areia e pedra — carga para 4 milhões de carretas.

Uma intervenção tão monstruosa poderia drenar e destruir o Pantanal, como já aconteceu em

Jacaré do Pantanal:
com o fim da caça,
a população aumentou

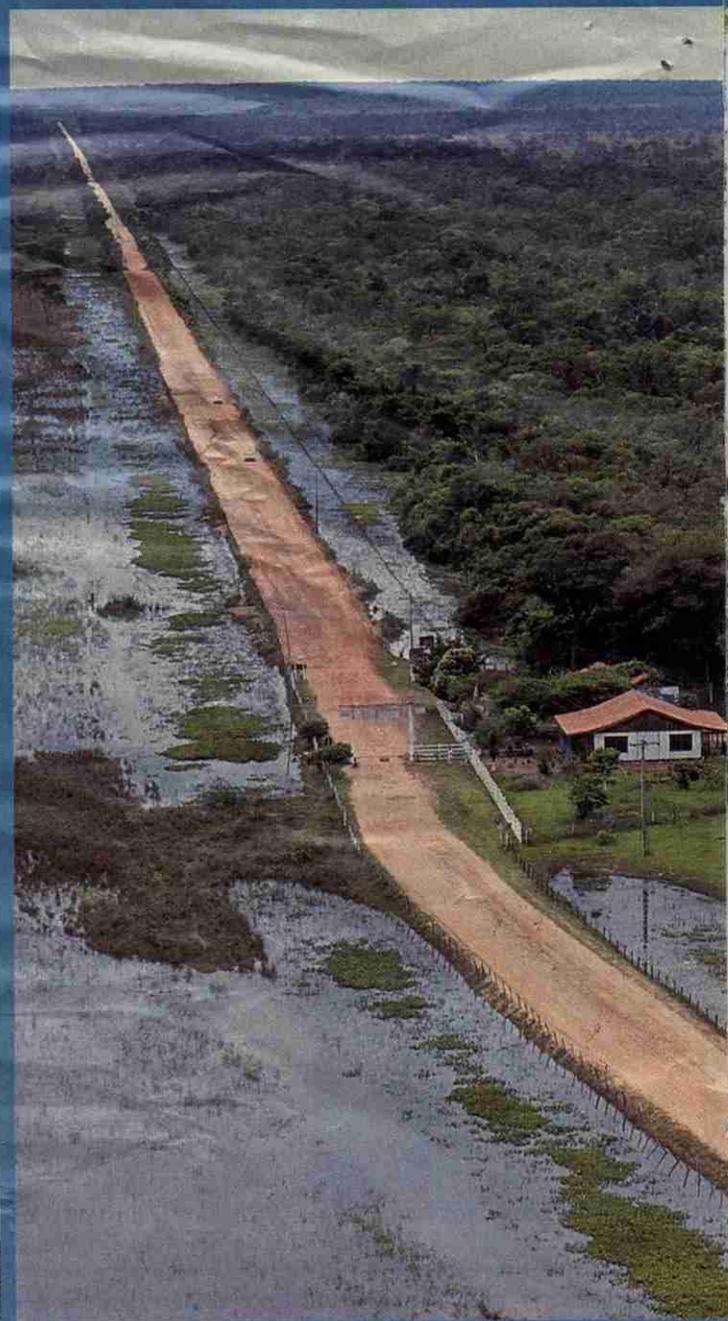


outras regiões como os Everglades e o vale do Rio Mississippi, nos Estados Unidos (veja quadro abaixo). As conseqüências para o meio ambiente seriam tão desastrosas que o Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID, inicialmente disposto a financiar o projeto, decidiu botá-lo na geladeira. Mas ele não está morto. Entre as autoridades que ainda apóiam a obra, com mudanças no projeto inicial, estão o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, e os governadores de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. “Enquanto o esforço de preservar anda a passo de tartaruga, a devastação caminha em velocidade de trator”, afirma o veterinário gaúcho Adalberto Eberhard, fundador da Ecotrópica, uma ONG brasileira que se dedica a comprar terras ao redor do Parque Nacional para garantir sua preservação.

A natureza no Pantanal já pagou caro pelo delírio de projetos como a hidrovía. Durante o regime militar, ali foi construída uma das obras viárias mais inúteis e desastrosas do país. É a Rodovia Transpantaneira, uma estrada que liga nada a lugar nenhum. A idéia do governo era interligar Poconé, no extremo norte do Pantanal, a Corumbá, no extremo sul. Tudo foi feito na correria, sem um estudo adequado do regime hidrológico da região. Resultado: a estrada não foi adiante porque a natureza a derrotou. Os engenheiros e tratores simplesmente não conseguiram passar da metade do percurso. “Era uma loucura”, lembra Jaime Okamura, que na época era funcionário do governo e acompanhou parte da obra. “Por falta de estudos de engenharia, ninguém sabia exatamente onde construir as pontes. Então, fazia-se um aterro e esperava-se para ver onde a água ia arrombar. No ponto em que o aterro estourava, construía-se uma ponte.” Hoje, a Transpantaneira começa em Poconé e termina abruptamente nas margens do Rio Cuiabá. Tem 147 quilômetros e 126 pontes — um recorde mundial. É intransitável na maior parte do ano. Além dos imensos lamaçais no período das chuvas, as pontes têm vãos que podem engolir um carro inteiro se o motorista não for precavido.



Arara-azul:
espécie
ameaçada
de extinção



O PANTANAL DELES AGONIZA

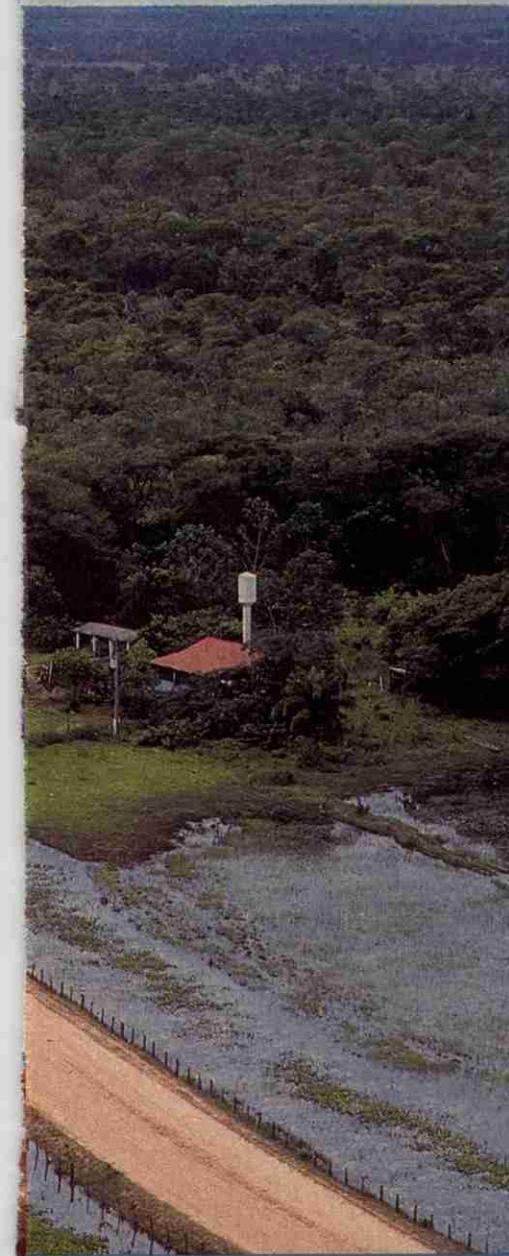
Se alguém ainda duvida da importância de preservar o Pantanal, basta olhar para a região dos Everglades, no Estado americano da Flórida. Para consertar estragos ambientais provocados durante um século de ocupação, o governo vai investir ali 8 bilhões de dólares durante os próximos vinte anos. Os Everglades ocupam hoje uma área de 6 000 quilômetros quadrados — equivalente a 4% do Pantanal brasileiro. As

semelhanças entre os dois ecossistemas são muito grandes. Para começar, têm duas estações bem definidas, a seca e a chuvosa. Durante as chuvas, a planície fica quase inteiramente debaixo de água. Quando chega a estação seca, formam-se lagoas isoladas repletas de peixes que atraem pássaros, crocodilos e outras espécies, num grande banquete. A característica geográfica que garantiu a formação dos Everglades

também é a mesma do Pantanal: uma planície de declividade mínima alimentada por um grande fluxo de água. No caso do pantanal americano, o grande fornecedor de água é o Lago Okeechobee. Alimentado pelas chuvas, o lago transborda e suas águas seguem lentamente para o sul, em direção à Baía da Flórida. No percurso, espalham-se por um leito de 100 quilômetros de largura, tão raso que os americanos chamam de “rio de grama”.

Para transformar esse enor-

me pântano numa região habitável e produtiva, desde 1950 foram construídos ali mais de 1 600 quilômetros de barragens, canais e diques. Metade da água que deveria correr do Lago Okeechobee para a Baía da Flórida hoje é desviada para o Atlântico e para o Golfo do México. As obras deram certo e o resultado foi bom para a economia. Para o meio ambiente, foi catastrófico. Hoje, 6 milhões de pessoas moram no sul da Flórida. Metade da área original dos Everglades está ocupa-



A Rodovia Transpantaneira e o campo de pouso para jatos na fazenda da Camargo Corrêa: dois projetos da época do regime militar que fracassaram por falta de conhecimento sobre a região

da por cidades ou fazendas. Com isso, todo o equilíbrio do ecossistema foi quebrado. O melhor indicador da tragédia é a população de aves, que hoje é 90% menor que no século passado. O projeto de 8 bilhões de dólares pretende reconstituir pelo menos parte dos pântanos dos Everglades dessa época. Para isso, serão construídos reservatórios que armazenarão 80% da água que hoje é desviada para o mar. Essa água será redirecionada para os Everglades em pontos e intensidades pre-

vistos num modelo de computador que reproduz o ecossistema original. Também será removida parte das barreiras que impedem a circulação da água. O projeto terá de conviver com outro dado assustador. Em cinquenta anos, a população da região vai dobrar, chegando a 12 milhões de pessoas. Esse argumento tem sido utilizado por opositores do projeto, que querem secar uma área ainda maior dos Everglades.

A única forma de passar nessas pontes é levar na carroceria pranchas de madeira para tapar os buracos na estrutura.

No começo dessa estrada, à esquerda de quem vai em direção ao Rio Cuiabá, fica outro exemplo de megalomania no meio do mato. É a fazenda da empreiteira Camargo Corrêa, uma versão pantaneira do fracassado Projeto Jari, idealizado pelo magnata americano Daniel Ludwig, nas selvas do Amapá. Apaixonado por pescaria e pelo Pantanal, o empreiteiro Sebastião Camargo comprou vastas porções de terras às margens do Rio Cuiabá. Na década de 70 — época em que Ludwig tentava erguer seu império na Amazônia — Camargo Corrêa quis transformar sua fazenda num projeto-modelo de pecuária industrial. Para isso, cercou a propriedade com diques, de modo a controlar a entrada e a saída de água. Da Austrália importou um capim especialmente adaptado a áreas alagadiças. A sede da fazenda foi equipada com pista de pouso para jatos e recebia presidentes e ministros da República, que Sebastião Camargo levava para pescar nos fins de semana.

Deu tudo errado. O capim australiano não se adaptou ao Pantanal. Os diques estouraram na primeira enchente. As pragas tomaram conta das pastagens e toneladas de herbicida foram usadas numa tentativa inútil de controlá-las. Hoje, a fazenda está parcialmente abandonada. A construção de diques afetou o ciclo de cheias e vazantes de toda a região e inundou as propriedades vizinhas. Recentemente, a Camargo Corrêa contratou os serviços de um especialista em ecologia da Universidade Federal de Mato Grosso e da Pró-Natura, uma entidade ambientalista do Rio de Janeiro. Ao final dos estudos, foi aconselhada a desistir dos planos originais e investir em atividades mais adaptadas ao Pantanal, como a silvicultura e o ecoturismo. É o que a empresa está fazendo hoje. “Cometemos erros graves aqui”, admite o engenheiro agrônomo Luis Felipe, atual administrador da fazenda. “Agora, estamos tentando corrigi-los.”

ADMIRÁVEL MUNDO SELVAGEM

O Pantanal é a maior planície alagada do planeta e tem uma das maiores concentrações de animais e plantas. Veja algumas curiosidades e comparações sobre a região nesta e nas páginas seguintes

A MAIOR COBRA...

...DO PANTANAL

A sucuri amarela mede até 4,5 metros e se alimenta de peixes, aves e pequenos mamíferos. Raramente ataca pessoas

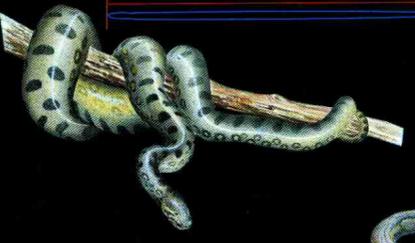
4,5 metros



...DA AMAZÔNIA

A sucuri amazônica mede até 10 metros e é capaz de engolir uma capivara adulta. Pode matar uma criança

Até 10 metros



...E DO MUNDO

A píton reticulada, que vive no Sudeste Asiático, pode passar dos 10 metros de comprimento. Ataca seres humanos

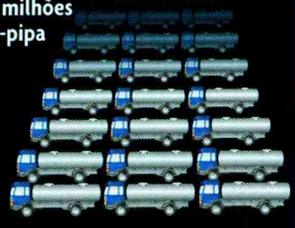
Mais de 10 metros



UM DIA DE ÁGUA NO PANTANAL

Em 24 horas, **178 bilhões de litros de água** entram na planície pantaneira, o suficiente para...

encher 11 milhões de carros-pipa



encher 29 lagoas Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Uma a cada 50 minutos



abastecer a Grande São Paulo, com seus 17 milhões de habitantes, por 30 dias



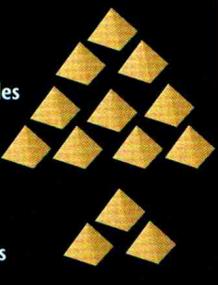
O PESO DE DEZ PIRÂMIDES

Todo ano, os rios carregam para o Pantanal 50 milhões de toneladas de terra e areia. Apenas um terço desses sedimentos atravessa toda a planície e deixa a região. Os dois terços restantes, depositados no Pantanal, alteram o leito dos rios e aumentam a superfície alagada

Entram 50 milhões de toneladas de terra e areia por ano



peso de 10 pirâmides de Gizé, no Egito



Saem só 15 milhões de toneladas de terra e areia por ano



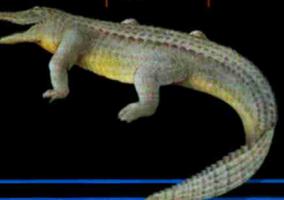
peso de 3 pirâmides

AS DIFERENÇAS ENTRE OS JACARÉS...

...DO PANTANAL

Quase inofensivo ao ser humano, o jacaré do Pantanal atinge 2,5 metros de comprimento e alimenta-se de peixes

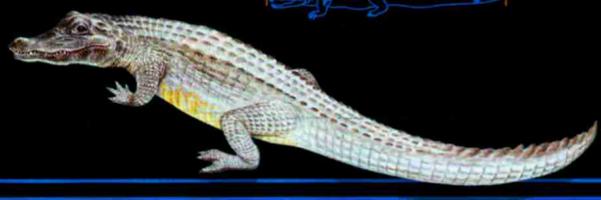
2,5 metros



...DA AMAZÔNIA

O jacaré-açu atinge 6 metros de comprimento. Pode mudar de cor para se camuflar. Só ataca quando ameaçado

6 metros



O RIO QUE ANDA A PASSO DE TARTARUGA...

A pequena declividade do Rio Paraguai é o que produz a inundação periódica do Pantanal. Uma garrafa atirada no rio em Cáceres leva 6 meses para atravessar o Pantanal, velocidade da tartaruga



...E O RIO QUE ENGORDA E EMAGRECE

O leito dos rios do Pantanal muda drasticamente entre a estação chuvosa e a seca. Veja o que acontece com a área ocupada pelo Rio Piquiri, um dos afluentes do Rio Cuiabá

Na seca, o Rio Piquiri ocupa 8 quilômetros quadrados



O equivalente a 2,5 Central Park, em Nova York

Na chuva, o Rio Piquiri ocupa uma área 31 vezes maior



O equivalente a 73 Central Park

PARA CADA SER HUMANO QUE VIVE NO PANTANAL, HÁ...

40 jacarés



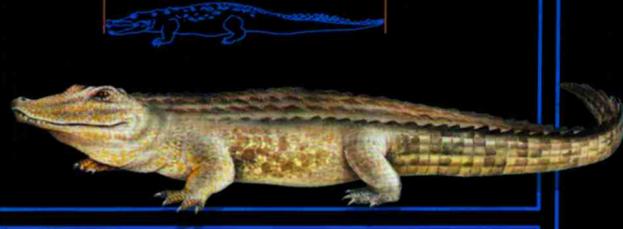
6 cabeças de gado



...E DE OUTROS PAÍSES

Maior réptil do planeta, o crocodilo que vive na Ásia e na Austrália mede até 7 metros de comprimento. Ataca pessoas

7 metros



O MAIOR PEIXE DE ÁGUA DOCE...

...DO PANTANAL

O jaú, um bagre gigante, pesa até 120 quilos e chega a 1,5 metro de comprimento

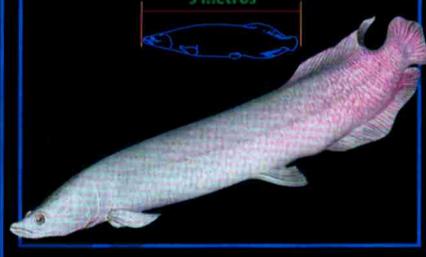
1,5 metro



...E DO MUNDO

O pirarucu da Amazônia atinge 3 metros de comprimento e 200 quilos

3 metros



DA SECA AO DILÚVIO

Além do ciclo anual de enchente e vazante, o Pantanal tem um regime de cheias e secas mais longo e irregular. São grandes períodos que, geralmente, duram entre 10 e 25 anos, marcados por chuvas mais escassas ou cheias abundantes. O ciclo atual de cheias, iniciado em 1974, é o mais longo do século

Em 1970, 20 000 quilômetros quadrados foram alagados no Pantanal

O equivalente à área de El Salvador



Em 1988, 100 000 quilômetros quadrados foram alagados no Pantanal

O equivalente à área de Holanda, Bélgica e Suíça juntas

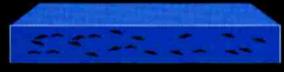


MAIS PEIXES QUE NA EUROPA...

Pantanal 263 espécies de peixes

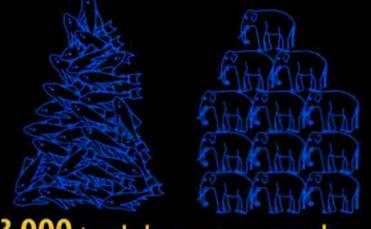


Europa 200 espécies de peixes de água doce



PESCA PREDATÓRIA

Todo ano, são retiradas dos rios do Pantanal 3 000 toneladas de peixe

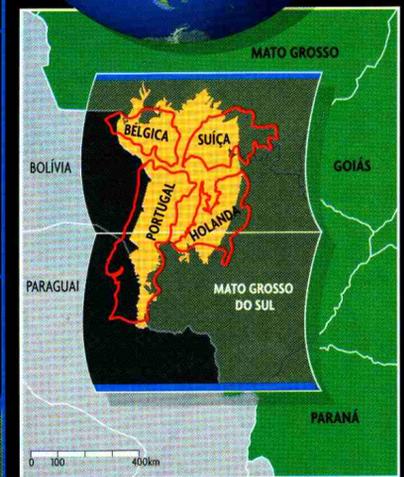


3 000 toneladas de peixe = peso de 600 elefantes

FOTOGRAFIA: A. CAIRES; COLABORARAM: ADRIANO PRIGONE, ALE SEITI, GILDO TEJEDA, TOHO. TEXTO: RICARDO VILELA, ILLUSTRACOES: ANIMASSI BRUNO J. B. CANCADO

O REINO DAS ÁGUAS

O Pantanal, que aparece nesta composição de fotos de satélite, é uma bacia sedimentar situada bem no centro da América do Sul. Cobre parte de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraguai e Bolívia. Ali são depositados os sedimentos que, pelos rios, descem da Cordilheira dos Andes e dos planaltos brasileiros



O TERRITÓRIO ENCHARCADO
Incluindo suas áreas boliviana e paraguaia, o Pantanal tem 210 000 quilômetros quadrados, onde caberiam quatro países europeus: Bélgica, Portugal, Holanda e Suíça

1 PARAÍSO DA PESCA
Em outubro, Cáceres realiza o maior festival de pesca do mundo. Os peixes são capturados e devolvidos ao rio depois de pesados e medidos

2 O GARIMPO DE OURO
As crateras abertas pelos garimpeiros transformaram em paisagem lunar áreas do município de Poconé, e os peixes de alguns rios foram contaminados com mercúrio

3 SESC PANTANAL
O empreendimento, que combina ecoturismo e preservação, prevê a construção de dois hotéis junto a uma reserva ecológica às margens do Rio Cuiabá

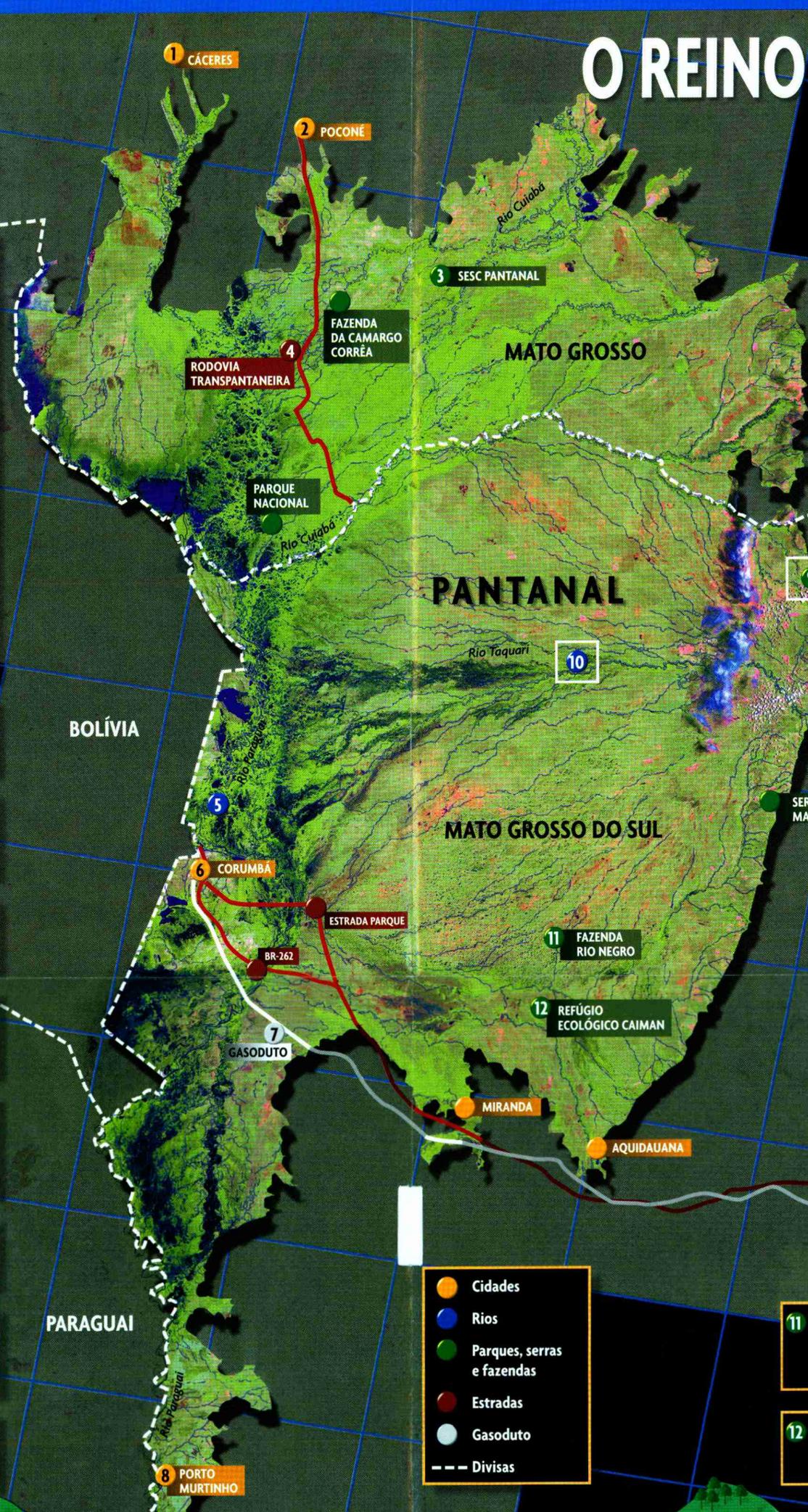
4 RODOVIA TRANSPANTANEIRA
Construída pelos militares na década de 70, pretendia cruzar o Pantanal, mas ficou pela metade. Tem 126 pontes num trecho de apenas 147 quilômetros

5 A HIDROVIA DO MERCOSUL
O projeto, que está engavetado, incluía dragagem e retificação de curvas dos rios Paraguai e Paraná para torná-los navegáveis o ano inteiro entre Cáceres e Nueva Palmira, no Uruguai. A área alagada do Pantanal seria reduzida

6 A CAPITAL PANTANEIRA
Corumbá é a maior cidade da região. Tem 100 000 habitantes e a melhor infra-estrutura hoteleira do Pantanal

7 GASODUTO BRASIL-BOLÍVIA
Enterrada a 1 metro da superfície, a tubulação leva gás natural de Santa Cruz de la Sierra para Campinas, em São Paulo. Atravessa 70 quilômetros de Pantanal

8 A ROLHA DO RIO PARAGUAI
Barreiras rochosas, como a que existe nas imediações de Porto Murtinho, represam o rio e seus afluentes, inundando a planície pantaneira



AS ARTÉRIAS PANTANEIRAS
A rede capilar de rios do Pantanal, sobreposta nesta foto de satélite, é a maior do mundo. Só de rios navegáveis são mais de 5 000 quilômetros



9 LAVOURAS E PASTAGENS
As áreas cultivadas nos planaltos ao redor do Pantanal (em vermelho, nesta foto de satélite) aceleram o assoreamento dos rios. São hoje a principal ameaça ao meio ambiente na região



10 O RIO QUE DESAPARECEU
Nos últimos anos, o assoreamento foi tão grande que o Rio Taquari saiu de seu leito original, transformou-se numa gigantesca lagoa e inundou 300 fazendas (foto acima)

11 FAZENDA RIO NEGRO
A fazenda onde foi gravada a novela *Pantanal* acaba de ser vendida para uma entidade estrangeira, a Conservation International, que pretende usá-la para ecoturismo e preservação

12 MORDOMIA NA SELVA
O Refúgio Ecológico Caiman é a mais luxuosa pousada da região. Há dois anos, de cada cinco turistas, apenas um era brasileiro. Hoje, a proporção é de um para um

- Cidades
- Rios
- Parques, serras e fazendas
- Estradas
- Gasoduto
- Divisas

O CICLO DA VIDA

A CHEIA

- 1** Durante a estação das chuvas, os rios transbordam e alagam os campos onde se formam banhados, lagoas e corixos temporários
- 2** O gado é levado em comitivas para as partes altas
- 3** Aproveitando a inundação, os peixes saem dos rios e espalham-se por toda a área inundada do Pantanal

A VAZANTE

- 4** Quando as chuvas param e os rios voltam a seus leitos, milhões de peixes ficam aprisionados nas lagoas. É um banquete para aves, jacarés e ariranhas
- 5** Os pastos, renovados pela matéria orgânica trazida pela água, crescem verdes atraindo cervos, capivaras e outros animais que convivem com o gado
- 6** No topo da cadeia alimentar estão as onças e jaguatiricas